

O Regimento de Polícia Montada “9 de julho” na Revolução Constitucionalista.

Também notamos que os Regimentos e Esquadrões que rechassamos paravam a retarguarda de sua linha, organizavam-se voltando a concentrar-se com os seus demais. Estavamos admirados em encontrar uma tropa ao qual não estavamos acostumados, pois depois que contamos isso aos outros, descobrimos que acabávamos de enfrentar os Paulistas, que constituíam a melhor Cavalaria inimiga.

General Avelar, Comandante-em-Chefe do Exército Argentino em 1827, durante a Guerra contra o Brasil.

Não é de se extranhar que o espírito guerreiro sempre acompanhou os paulistas desde o Brasil Colônia até os dias atuais. Com a Criação da Milícia Bandeirante em 1831 trinta homens foram destacados para comporem uma Seção de Cavalaria, esses cavalarianos evluíram em conjunto com a instituição chegando em 1892 ao status de Regimento. Porém em 1906 com a vinda da Missão Militar Francesa é que a Cavalaria teve a sua maior evolução profissional se tornando uma verdadeira maquina militar de Segurança Publica e Bélica. Não é a toa que Rui Barbosa, quando em visita as terras de Piratininga, disse: “*A mais perfeita tropa do país*”, realmente nos revelando o nível de profissionalismo e disciplina da Força.

Em 23 de maio de 1932 assume o Comando Geral da Força Pública do Estado de São Paulo o Tenente-Coronel Julio Marcondes Salgado, que dois dias depois é promovido ao posto de Coronel, militar que havia servido de Soldado a Tenente-coronel na Cavalaria da Força, tratou logo de intervir no Regimento, retirando os Oficiais “miguelistas”, que seguiam o General Miguel Costa, de suas funções.

Com a eclosão da Guerra Paulista em 9 de julho de 1932, toda a Força Pública do Estado de São Paulo, mais de 10.000 homens, se mobilizou para servir a causa Paulista, com isso o Regimento de Cavalaria da Força, Unidade estratégica, teve seu Comandante, o Tenente Coronel Daniel Costa, irmão do General Miguel Costa, afastado de sua função, quem assume o Comando da Cavalaria é o então Tenente-Coronel Azarias da Silva.

O Regimento teve sua tropa dividida para lutar em várias frentes no interior do Estado e ainda continuou com parte do seu efetivo para defender a cidade de São Paulo. Cabe ressaltar que o objetivo das tropas Federais era o de chegar até a capital paulista e ocupá-la.

Em 08 de julho o Regimento entra em prontidão rigorosa a partir das 20 horas, no dia 09 de julho, logo pela manhã, a primeira missão da cavalaria será a tomada do Destacamento de Aviação Militar do Exército Brasileiro, no Campo de Marte, com a tomada das instalações físicas com suas aeronaves, bem como a detenção do Tenente Casimiro Montenegro, comandante da unidade e futuro Marechal-do-ar da Força Aérea Brasileira, e demais militares que não aderiram à causa. Tal Destacamento pertencera a FPSP e havia sido tomado pelo Governo Federal após a Revolução de 1930, durante a intervenção de Getúlio Vargas no Estado.

No dia 18 de julho é enviada para Itararé, no Setor Sul, a tropa do 3º Esquadrão, com um contingente de 130 homens com 115 cavalos; em 23 de julho envia para operar na região de Ribeirão Preto um Destacamento com 125 homens comandados pelo Capitão Sebastião do Amaral, que posteriormente atuaria no Setor Sul. Em 30 de julho, devido aumento da intensidade dos combates, é enviado para a cidade de Cruzeiro a tropa do Esquadrão de Comando e Serviço, com 12 homens, o 1º Esquadrão, com 92 homens, comandados pelo Capitão Manoel da Rocha Marques, e o 3º Esquadrão, com 69 homens, comandados pelo Capitão José Camili Gomes. Todo o efetivo, que estava em Cruzeiro, teve um reforço de 15 homens, que chegaram no dia 1 de agosto, em 16 de agosto segue para o município de Queluz o 2º Tenente João Oliveira de Mello com 45 homens.

Em 28 de julho parte para o Setor Sul o Regimento de Cavalaria do Rio Pardo formado por 326 homens, comandados pelo Capitão Alfredo Feijó, tal unidade era composta por homens do Regimento de Cavalaria e por jovens voluntários da região de Ribeirão Preto, todos montados em Manga-largas doados pela sociedade daquela localidade, tal unidade participou das Honras fúnebres ao então Cel Júlio Marcondes Salgado, que havia falecido devido a ferimentos causados durante uma demonstração de um morteiro e que seria promovido a General *post mortem*. O “Rio Pardo” partiu, no dia seguinte ao enterro, às 8 horas, da estação Barra Funda, em um trem militar que os levou até Itapetininga, onde pernотaram dando início as Operações de Guerra no dia seguinte.



Imagem: Regimento de Cavalaria do Rio Pardo durante as honras fúnebres ao General Salgado.

Fonte: Museu da Imagem e do Som.

No Setor Sul o Regimento entrou em combate com o objetivo de evitar o avanço das tropas que vinham do Sul do país, suas ações se concentraram na região que compreende os municípios de Itapetininga, Itararé, Buri, onde houve uma das mais desesperadas batalhas do conflito, com um grande número de mortos e prisioneiros, as tropas federais foram rechassada pelos Paulista graças a atuação da Cavalaria em Capão Bonito, Faxina, hoje Itapeva, e Itapera.

A bravura como condição inerente a Cavalaria, deu riqueza à sua capacidade de ação.

Coronel Alfredo Feijó.

Durante a guerra, a cavalaria atuou em vários tipos de missões, como a de reconhecimento, contenção (nesse tipo de missão foram utilizadas suas unidades de metralhadoras), patrulhamento das estradas, destruição de pontes, ações de choque durante as batalhas e principalmente apoio aos demais batalhões de infantaria. Houve um episódio que o Cap Alfredo Feijó, quando em deslocamento com sua tropa, viu um grande contingente de tropas federais iniciando a travessia de uma ponte, de imediato ordenou ao seu Pelotão de Metralhadoras, que eram conduzidas por moares, que apeassem e armassem tais apetrechos, em seguida ordenou ao pelotão abrissem fogo. Com tal manobra conseguiu ganhar tempo e atrasar o avanço do inimigo.

Atuando em movimento não ficando presa ao terreno, as unidades a cavalo eram constantemente alvos dos aviões inimigos, conhecidos como vermelhinhos, que ao verem a cavalaria se deslocando abriam fogo com metralhadoras ou lançavam bombas

incendiárias. Por princípio a Cavalaria não marcha durante a noite, no teatro de operações era muito comum os cavalarianos dormirem equipados ao relento, onde somente o equipamento dos cavalos eram afrouxados para evitar lesões. Ao longo da campanha muitos cavalos morriam ou eram deixados ao longo das marchas, devido algum tipo de lesão, debilidade ou doença, tais solípedes eram substituídos por outros, requisitados junto às fazendas locais. Um dado interessante é que os cavalos que morriam, foram enterrados como manda a tradição militar, e não deixados para servirem de alimentos aos abutres.

Durante as marchas, uma das manobras mais difícil de ser realizada é a transposição de um curso d'água, houve um momento que a tropa precisou passar para outra margem do rio Paranapanema, os solípedes foram desequipados e homens e cavalos fizeram a travessia a nado, todo o equipamento foi transportado em barcos improvisados, durante a travessia houve a perda de solípedes e soldados, que morreram afogados devidos ao grande volume de água daquele rio.

Em toda a campanha, a Cavalaria seguiu a risca quatro verbos: zelar, marchar, vigiar e lutar.

Em 2 de outubro o armistício é assinado na cidade de Cruzeiro pondo fim a Guerra paulista que causara tantas mortes de brasileiros. No dia 5, do mesmo mês, inicia o regresso das tropas destacadas ao Regimento.

Durante a Epopéia dois Oficiais do Regimento chegaram a comandar unidades de infantaria como foi o caso do Capitão Candido Bravo que comandou o Batalhão “14 de julho” formado por voluntários da Escola Politécnica e do Mackenzie, e o Capitão Arlindo de Oliveira que, promovido a Major por telegrama, assumiu o Setor de Fundão dentro do Setor Sul, após sua promoção, sua Unidade ficou conhecida como “Batalhão Arlindo”, durante uma missão de observação, ele foi capturado por tropas gaúchas, vindo a ser solto depois do conflito.

Após a Guerra o Eterno Regimento, da rua Jorge Miranda, voltou ao sua missão principal, de garantir a ordem e tranquilidade pública em suas atividades de Polícia Montada, ao longo da campanha demonstrou ser uma Unidade diferenciada possuidora das mais belas tradições militares e de homens abnegados com grande espírito de corpo, que, com coragem serviram ao seu país enfrentando o inimigo de forma aguerrida e honrosa, cumprindo com seu dever, pondo suas vidas em holocausto por uma sociedade

mais justa e livre de uma ditadura. Devido a sua heroica participação durante a Revolução Constitucionalista, o Exmo. Governador do Estado de São Paulo, Dr. Jânio Quadros, de 1955 a 1959, determinou que a Cavalaria da Força anexasse a data “9 de julho”, dia do início da Revolução, a seu nome, passando a se chamar Regimento de Cavalaria “9 de julho”, que em 1970 com a reestruturação da instituição, mudou o seu nome para o atual: Regimento de Polícia Montada ‘9 de julho’.